

# MULHERES POR TRÁS DAS CÂMERAS: OS DESAFIOS QUE AS CINEGRAFISTAS ENFRENTAM NA ÁREA PROFISSIONAL

**Dados mostram a luta do gênero feminino, que vem evoluindo a algumas décadas em passos tímidos, com movimentos femininos para inclusão em um setor predominantemente masculino.**

**D**urante muitas décadas a única palavra que havia em inglês, que representava os cinegrafista, podendo ser utilizado no português tanto para homens como para mulheres, foi cameraman. Man, em inglês, significa homem, levando a palavra à caracterização masculina como prevalência. Com o passar dos anos as mulheres foram ganhando espaço nessa área profissional, e hoje dominam grandes cargos, porém em um número ainda bem reduzido.

Todavia, se torna injusto atribuir unicamente o gênero contido no termo cameraman como um simples reflexo da realidade. A palavra acabou contribuindo para invisibilizar as diretoras de fotografia e para a conformação da cinematográfica como uma área onde as mulheres claramente não eram bem-vindas, mesmo exercendo a função com a mesma qualidade e eficiência.

O cinegrafista é o profissional responsável pelo manuseio das câmeras de filmagem ou vídeo. Um programa televisivo antes de ir ao ar com imagens de qualidade passam por um longo trabalho e empenho atrás das câmeras. Essa qualidade é resultado do trabalho de cinegrafistas, que antes era ocupada predominantemente por homens, mas a presença de mulheres vem se tornando cada vez mais comum.



*Imagem: Ana Regina/Reprodução*

Disposta a carregar diariamente uma câmera com bateria e iluminação; base para o microfone, que chega aos 10 quilos; além de um tripé, de 5 quilos; os acessórios, em um total de 18 quilos; e se precisar, ainda leva rebatedor e outros equipamentos de filmagem junto. Essa é Ana Regina, de 31 anos, única mulher, entre os 17 cinegrafistas homens, da emissora Globo Nordeste.

Ana Regina cumpre um importante papel como repórter cinematográfica, há mais de 10 anos. Formada em Rádio e TV, possui grandes experiências nas áreas de produção, edição de imagens e cinegrafia. Também já trabalhou em diversos veículos, tais como a TV Nova, TV Jornal e agora na

Rede Globo, onde está há 3 anos. Atualmente, Ana é a única repórter cinematográfica do gênero feminino, na Rede Globo Nordeste, e inspira muitas mulheres a ingressarem na área.

A cinegrafista destaca que o número de mulheres na profissão ainda é bem reduzido, mas nunca foi alvo de preconceito no setor. “Ainda considero um número muito pequeno no setor da cinegrafia. Gostaria muito de ter mais companheiras de função trabalhando comigo. E isso é algo que acontece tanto na Globo, como nas outras emissoras. Em relação a equipe Globo, sou imensamente realizada em fazer parte deste time, tenho amigos de verdade e companheiros incríveis. Nun-

ca fui assediada, também nunca me negaram ajuda, na verdade eu me sinto até mimada por eles. Nunca minimizaram meu trabalho por ser mulher, me tratam como mais um cinegrafista como eles. Torço muito pra compartilhar esses ‘paparricos’ com mais mulheres”, explicou Ana.

O resultado do número reduzido de mulheres cinegrafistas existente pode estar aliado a um campo que durante anos foi adversário ao gênero feminino, criando um cenário que o ramo da cinematográfica pertencia ao território exclusivamente masculino e não predominantemente masculino, como nos dias atuais. Muitas das antigas integrantes de equipes fotográficas se engajaram no combate às discriminações sofridas pelas mulheres que atuavam no audiovisual, mas ainda se sentem ameaçadas para expor os preconceitos já suportados em nosso país. Muitas preferem não ser identificadas pela certeza de que isso afetaria as possibilidades de serem chamadas para trabalhos futuros.

Não é de hoje que as mulheres vêm lutando por sua igualdade dentro do seu âmbito profissional. O feminismo no cinema de Hollywood, por exemplo, teve uma grande importância e relevância na luta pelos direitos iguais, porém não houve mudanças significati-

vas. De acordo com a Celluloid Ceiling, em 2015 nos EUA, o número de mulheres chegou a ter um aumento de 2% a mais que em 2014. Ainda assim, elas continuavam sendo minorias dentro dos grandes meios de comunicação, nos quais as mulheres correspondem apenas a 19% no geral. Nas grandes indústrias cinematográficas, por exemplo, apenas 6% são destinadas às cinegrafistas.

Uma assistente de Câmera, que está no mercado e preferiu manter o anonimato, ressaltou que em alguns lugares ainda existem o machismo, mesmo que reduzido. “Em muitos momentos precisei fingir que não estava ouvindo piadas machistas. No Brasil, embora haja mulheres realizando a direção de fotografia de filmes, esse número ainda é muito reduzido, o que me dificultou um pouco quando comecei. Já trabalhei em muitas equipes de imagem e em casas de filmagens nas quais eu era a única mulher”, pontuou a assistente.

Apesar do silêncio existente ou talvez um verdadeiro tabu, o preconceito de profissionais mulheres ainda existe, resultando na pequena quantidade de cinegrafistas e cineastas do gênero feminino no mercado. O machismo, nas falas e piadas, aumenta a dificuldade do engajamento do profissionalismo feminino no ramo. Com isso, no primeiro trimestre de 2017, o site da Catho realizou uma pesquisa e apontou que as mulheres ganham menos que os homens neste cargo, mesmo exercendo as mesmas funções.

**Com sensibilidade e competência, vamos conquistando cada vez mais o espaço que um dia foi só masculino. - Ana Regina**

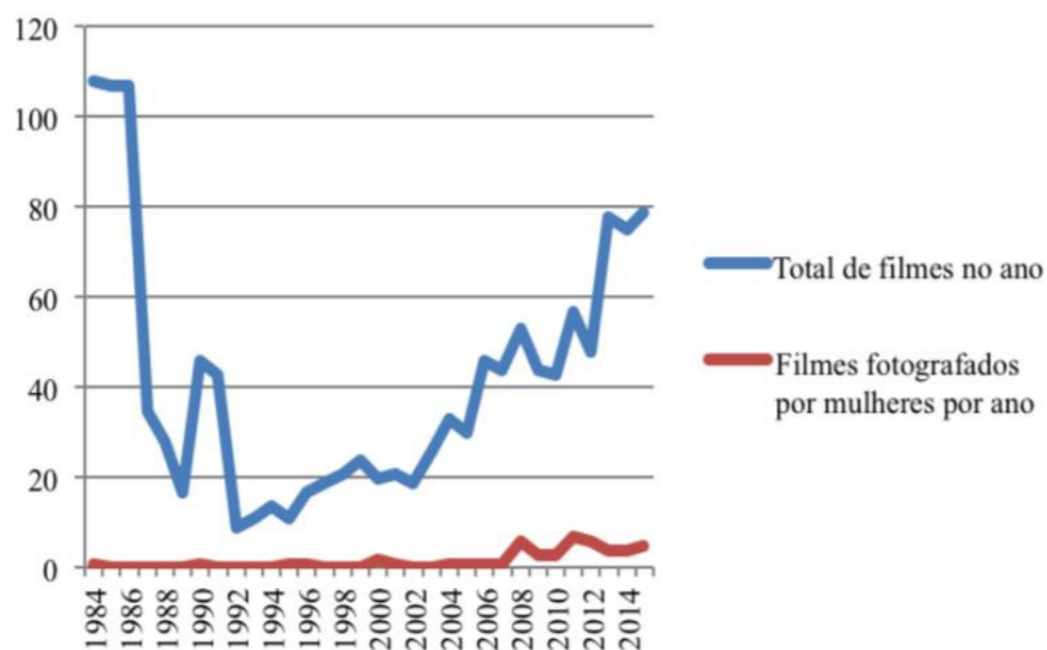
Para o cinegrafista, Oton Veiga, colega de trabalho de Ana, a inclusão das mulheres no ramo precisa ser mais valorizada. “Acho muito importante. Não só na cinegrafia, mas em todos os setores. Somos todos iguais. E fico feliz em presenciar essa quebra de paradigma dentro da empresa que eu trabalho”, ressaltou Oton, que ainda complementou. “Agora acho que todos nós já ouvimos algo, mas acho que não é por causa da nossa pessoa em si. Acho que é mais pela nossa ferramenta de trabalho, ela nos demanda grande responsabilidade. Costumo dizer que um cinegrafista sem uma câmera, ele é só uma pessoa”, pontuou o cinegrafista.

Apesar das dificuldades enfrentadas por mulheres no atual cenário do ramo cine-



Imagem: Oton Veiga/Globo

matográfico, o quadro de ocupação nessa área vem se alterando lentamente. A trajetória de homens cinegrafistas era de importância fundamental na década de 80. A responsabilidade de registros fotográficos era desempenhada pela força que a figura masculina transparecia, anulando a competência feminina.



O gráfico acima corresponde ao número total de filmes fotografados por mulheres do ano de 1984 a 2015, mostrando uma média da quantidade reduzida do gênero feminino no setor. O espaço demorou a ser introduzido por elas. A primeira mulher a ser creditada na equipe de fotografia, em uma longa metragem de ficção brasileiro, foi a assistente de câmera, em Amor e Traição, Luelane Corrêa.

Antigamente, o espaço para as mulheres na área da cinegrafia esportiva também era algo pouco explorado. A inserção delas neste âmbito de trabalho só se consolidou nos anos 70. Hoje em dia, é mais comum avistar mulheres se tornando repórteres, narradoras e cinegrafistas, ganhando cada vez mais notoriedade na área do jornalismo esportivo, que está deixando de ser predominada apenas por homens.

A cinegrafista, Carolina Albuquerque, ressaltou em uma entrevista para a UOL Esporte, que a credibilidade de seu trabalho foi um dos principais motivos para chegar à Copa do Mundo na Rússia, em 2018. “Acredito que em meio às adversidades, com muito estudo e dedicação absoluta para um trabalho bem feito, muitas mulheres superaram os desafios diários que são postos neste meio de trabalho. Eu me sinto privilegiada por poder fazer parte e acompanhar de tão perto a maior competição de futebol do mundo”, disse Carolina.

## A forte representação da mulher atualmente no audiovisual



Imagem: João Miguel Junior/Globo

O diretor artístico de novela da TV Globo, Fred Mayrink, também acredita que a mulher se consolida cada vez mais em todos os espaços. “Merecidamente por puro talento, competência e capacidade. Temos grandes diretoras na empresa, na novela temos a Bia Coelho no time de diretores, e a minha equipe é predominantemente feminina em todas as áreas. E com um resultado fabuloso. São todas grandes profissionais”, frisou Fred.

Diante da necessidade de visibilidade dessas profissionais, a expansão nesse meio deve ser amplamente mudada, aderindo a novos conceitos de mercado, para assim o mérito e o poder que tem a força feminina no engajamento no campo audiovisual seja visivelmente notada. Uma das cinegrafistas que compõe a equipe é a Cris Leccioli. Única cinegra-

fista mulher dos estúdios Globo, durante 15 anos, onde precisou quebrar barreiras para enfrentar preconceitos. Traz em seu currículo passagens pelo Planeta Xuxa, Domingão do Faustão, novelas Alma Gêmea e Estrela Guia.

Cris contou um pouco sobre sua carreira profissional, e enfatizou o orgulho de estar na profissão que ama e inspirar tantas mulheres. “No início foi difícil sim, pois fiquei 15 anos

sendo apenas eu de mulher em uma função 100% de homens, até então. Porém, tive muitos colegas de trabalho que torceram muito por mim, mais do que o contrário. Até hoje matamos um leão por dia, porém, de trabalho bem feito, com profissionalismo e postura, ninguém pode criticar. As mulheres são incríveis! Eu fico muito feliz com essa conquista, esse legado que um dia deixarei. Fico orgulhosa de ter feito parte de uma

sendo apenas eu de mulher em uma função 100% de homens, até então. Porém, tive muitos colegas de trabalho que torceram muito por mim, mais do que o contrário. Até hoje matamos um leão por dia, porém, de trabalho bem feito, com profissionalismo e postura, ninguém pode criticar. As mulheres são incríveis! Eu fico muito feliz com essa conquista, esse legado que um dia deixarei. Fico orgulhosa de ter feito parte de uma

história tão bonita. Se hoje nós mulheres somos 10 operadoras de câmera, é sinal de que deu certo e continuará dando. A mulher e a sua sensibilidade estão prestes a dominar o mundo”, relatou a mesma.

Leccioli comentou que não via a dimensão da inovação que era iniciar uma carreira predominantemente masculina, e hoje ver a importância de fortalecer esse movimento. “Juro que no início não via como uma inovação, apenas achava que podia e deveria ser normal. Só que realmente com o passar do tempo, percebi em atitudes que haviam sim pessoas que não aceitavam por eu estar ali, exercendo aquela função. Mas, com um trabalho bem feito e sorriso no rosto, o importante é driblar as adversidades e fazer delas aprendizados. E é assim até hoje”, frisou a cinegrafista.

Ainda de acordo com a cinegrafista o ambiente de trabalho é como a sua casa. “A gente já trabalha tanto, fica tanto tempo longe da família e amigos, então que seja pra trabalhar se divertindo. E pra “coroar” esse divisor de águas que participei, sempre trabalho com uma rosa vermelha na câmera em que opero. A novela que estávamos fazendo antes da quarentena, eram 4 mulheres câmeras na equipe. Que barato, que legal, que divertido, somos amigas, somos guerreiras e batalhadoras pelo nosso lu-

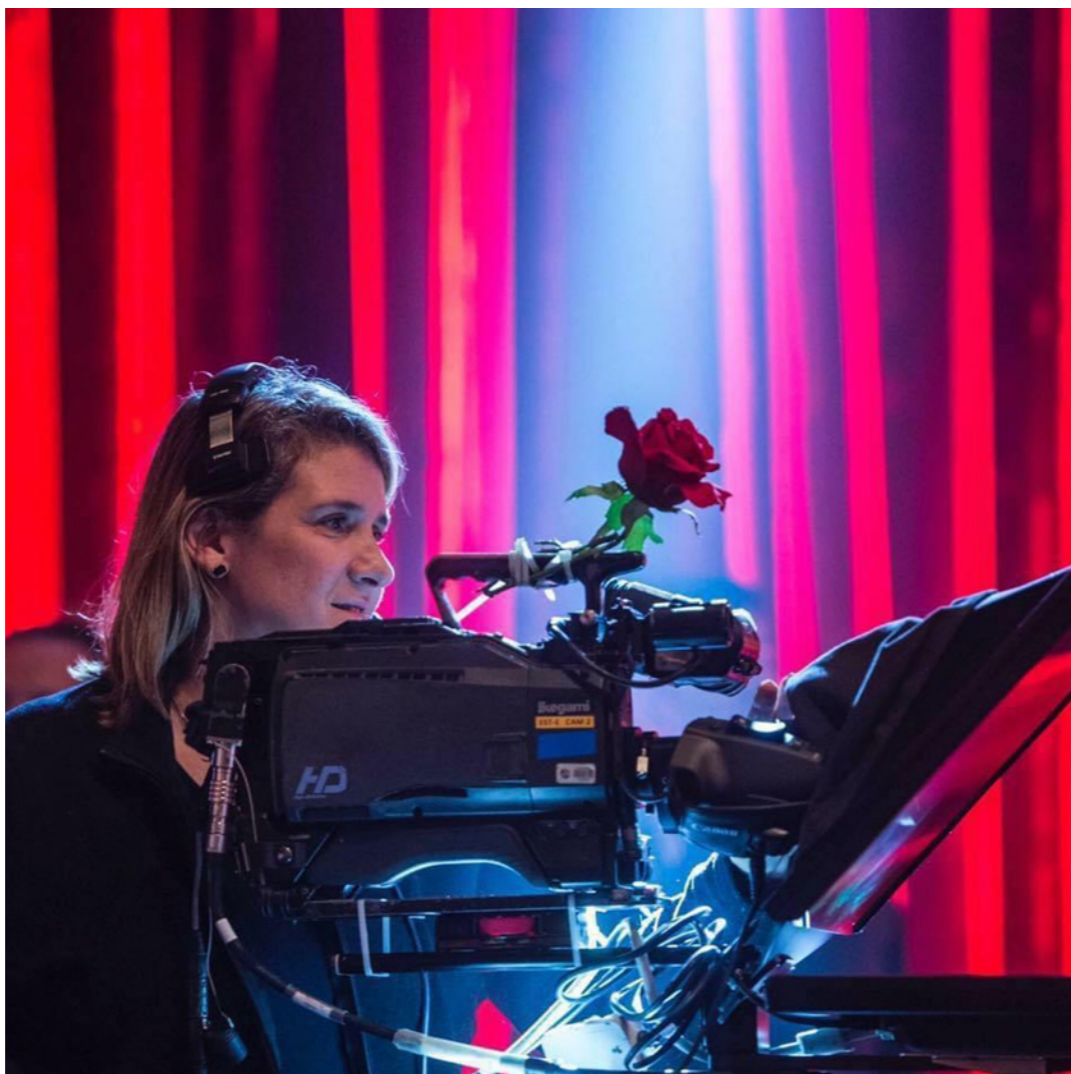


Imagem: Cris Leccioli/Globo

gar. Assim será sempre! E, juntas somos mais fortes”, pontuou Leccioli.

Cris não hesitou em deixar uma mensagem para as pessoas que ainda propagam o preconceito entre homens e mulheres na cinegrafia. “Vamos deixar o preconceito e o machismo de lado e falar de coisa

boas. Tem uma maioria tão grande de colegas homens que torcem por nós e nos ajudam tanto. E assim foi la atrás no meu início. Teve preconceito sim, mas muito companheirismo e torcida a favor. Ainda são poucas mulheres nessa área, mas, tenho certeza que já está mudando e vai continuar mudando. Não

tem mais essa. O bom é deixar nosso ambiente de trabalho gostoso e trabalhar com amigos e sermos felizes”, finalizou.

**Se hoje nós mulheres somos 10 operadoras de câmera, é sinal de que deu certo e continuará dando. A mulher e a sua sensibilidade estão prestes a dominar o mundo – Cris Leccioli)**

Para compor os relatos sobre os desafios das repórteres cinematográficas, a Nívia Salgado também concedeu entrevista, visando enriquecer e ampliar as visões acerca da área, para outras mulheres interessadas em seguir o ramo da cinematografia. Ela trabalha há mais de 14 anos na TV acrítica, quando antigamente ainda era transmitida no SBT, depois passou para Record TV, e atualmente é uma emissora independente. Já viajou para Portugal para fazer reportagens especiais, foi premiada por sua excelência no trabalho e realizou várias matérias que foram ao ar no Domingo Espetacular. Mesmo sendo uma profissional renomada e reconhecida nacionalmente, Nívia destacou a importância de abordar temas relacionados ao empoderamento feminino na área da cinegrafia, não negando os obstáculos que foram enfrentados.

Nívia também reforçou que uma de suas maiores dificuldades foi o preconceito. “Trabalho na área há mais de 17 anos e fui a terceira mulher a fazer o curso de cinegrafia. Minha maior dificuldade foi o preconceito nas externas, por ser mulher e ainda ter 1 metro e 50cm. Ouvia de vários colegas que isso não era profissão para mim, já que nas externas é algo muito agitado. Sou a primeira mulher de Manaus a tirar o registro de repórter cinematográfico. Na emissora somos 18 cinegrafistas. Com isso, eu sou a única mulher a integrar o time de repórteres cinematógrafos. E todos respeitam. Nas externas ainda tem gente que fica surpresa comigo, e geralmente quando saio com algum repórter homem as



Imagem: Nívia Salgado/reprodução

peças perguntam: “Ué, uma mulher cinegrafista?” fico espantada com a surpresa deles ao me verem segurando meu equipamento de trabalho”, comentou a cinegrafista.

Ainda segundo a cinegrafis-

ta, depois de tanto esforço, hoje o seu trabalho pode ser resumido pela palavra gratidão. “Fui conquistando aos poucos meu espaço, provando a eles que as mulheres tem sim condições de exercer qualquer cargo, basta ter determinação. Eu

torço muito para que outras mulheres ocupem esta profissão. Hoje eu me sinto realizada. Conquistei meu espaço, os colegas nas externas sempre me ajudam, me dão o maior apoio. Graças a Deus tenho o respeito e admiração de todos. Agora estou também em outra paixão que é a fotografia. Para mostrar um pouco do meu trabalho as pessoas, criei o meu canal no youtube: Nívia Salgado - Repórter Cinematográfica”, finalizou.



Imagem: Nívia Salgado/Tv Acrítica

**Falaram que eu não tinha porte para carregar câmera, e mostrei o contrário – Nívia Salgado**

### Equipe

- Alline Vitória Aguiar da Silva
- Derick José Gomes de Souza
- Deysiane de Lima Vidal
- Sabrina Antônia de Lima Reis

